



Boletim de Conjuntura Econômica

Dezembro 2008

Crise

Mundo

Os EUA e a Europa passam por um forte processo de desaceleração econômica com indícios de recessão e deflação um claro sinal de que a crise chegou e agora passa pela fase do desemprego. Na Europa, são quase 10 mil novas demissões a cada dia. Os EUA apontaram perda de mais de 1,2 milhão de postos de trabalho entre janeiro e novembro.

Medidas positivas

O Governo lançou uma série de medidas contra a crise entre as medidas estão a reformulação da tabela do imposto de renda para as pessoas físicas, redução do IOF e corte do IPI de carros.

Essas medidas tomadas pelo Governo visam principalmente injetar dinheiro diretamente na economia. Além da redução de impostos, e o barateamento do crédito com a redução do IOF. O setor automobilístico com a redução de IPI para carros de baixa potência, foi um dos setores beneficiados pelas medidas.

A repercussão de diminuição de tributos, tais como IPI, IOF, entre outros, soa muito bem. Mexer na tabela do imposto de renda, aumentando a renda líquida, notadamente da classe média gera novo estímulo.

Os bancos federais têm papel preponderante na redução da taxa de juros na ponta. O mercado ampliou a liquidez, com mais recursos advindos da baixa do compulsório, socorros emergenciais, mas o grande problema é que o dinheiro não chega na ponta, e o que é pior, com juros finais nas alturas. Se os bancos oficiais reduzirem seus "spreads" com juros menores ao tomador final de recursos, poderá, em parte, induzir a redução de juros dos bancos privados.



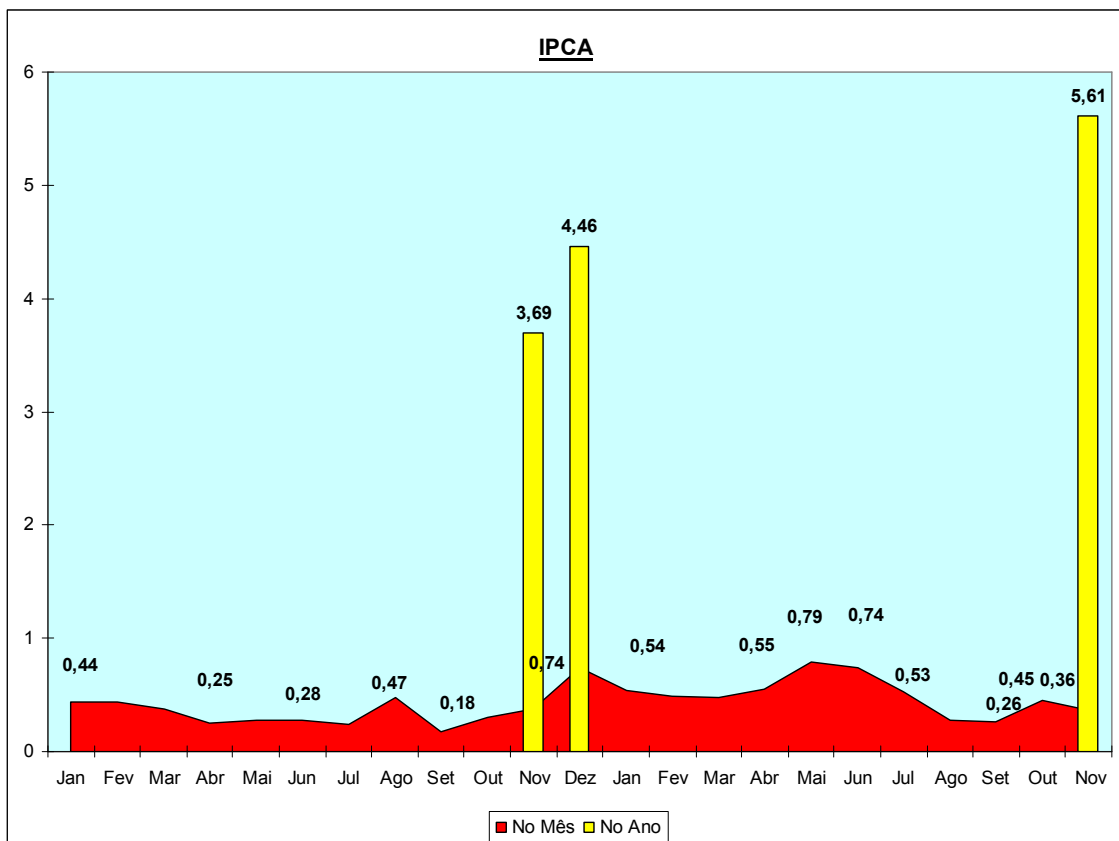
Os governos Estaduais de São Paulo e Minas Gerais também lançaram uma série de medidas que visam a prorrogação de pagamento de tributos bem como a redução dos mesmos.

Inflação

Dados recentes publicados pelo IBGE indicam uma redução do ritmo de crescimento da inflação de 0,36% ao mês, onde o setor de alimentos que mais pressionava a elevação deste indicador vem reduzindo.

Um dos motivos que levaram o Banco Central a manter a taxa de juros elevada é a questão da inflação, nas últimas semanas os bancos aumentaram os juros, prejudicando ainda mais o setor de crédito.

Outra medida que ajudariam o setor de crédito, seria reduzir os compulsórios dos bancos.





Governo necessita aumentar gastos de investimento

O momento atual não é simples. O governo tem feito muita ajuda setorial nos últimos meses. Ajudou as financeiras das montadoras e as vendas de carros caíram. Falta pensar na situação global da economia.

O mais importante é que os consumidores passem a ter mais dinheiro para comprar, com ações que beneficiem a todos. E o governo necessita manter são os gastos de investimento, não de custeio.

Concentração

A compra da Nossa Caixa pelo Banco do Brasil, assim como a fusão do Itaú com o Unibanco, eleva a concentração do setor bancário. Os cinco maiores bancos concentram 80% dos depósitos bancários, diminuindo a concorrência entre os bancos prejudicando as empresas e pessoas que buscam o sistema financeira.

PIB

PIB registrou safra de recordes, mas não param por aí os recordes que os números divulgados recentemente trouxeram. Na comparação com o mesmo trimestre do ano passado cresceu 6,8%, maior elevação desde o segundo trimestre de 2004, quando a economia brasileira crescera 7,8%. A taxa com ajuste sazonal em relação ao segundo trimestre foi de 1,8%, a maior desde o segundo trimestre de 2005 (2,3%).

No acumulado nos últimos quatro trimestres a expansão ficou em 6,3%, a maior variação desde o início da série do IBGE de 1996. Mesmo recorde observado na comparação com acumulado do ano (de janeiro a setembro), que foi de 6,4%, a maior também desde o início da série.

No terceiro trimestre, o grande destaque foi a construção civil, que também teve o maior crescimento da série de 11,7%. Foi puxado pelo crédito, pelas obras públicas do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e eleições.



No acumulado de janeiro a setembro, o PIB a preços de mercado registrou crescimento de 6,4% em relação ao mesmo intervalo de 2007. O setor de Agropecuária teve elevação de 6,7%, seguido de perto pela Indústria, com avanço de 6,5%. Serviços ampliaram-se em 5,5%.

Em serviços, podemos destacar a área de informação com 10,0%, comércio atacadista e varejista 9,8%, e intermediação financeira e seguros 8,8%.

O Produto Interno Bruto medido a preços de mercado para o terceiro trimestre de 2008, alcançou R\$ 747,3 bilhões, sendo R\$ 631,5 bilhões referentes ao Valor Adicionado a preços básicos e R\$ 115,8 bilhões aos Impostos sobre Produtos.

O IBGE também divulgou nesta terça-feira a revisão para cima do crescimento da economia brasileira no ano passado. Segundo os últimos dados, o PIB do Brasil cresceu 5,7% em 2007, acima dos 5,4% anunciados anteriormente.

Mas não adianta ficar olhando pelo retrovisor. A desaceleração no quarto trimestre já é uma realidade, visto que vem ocorrendo corte de produção em alguns setores, queda de confiança dos empresários e consumidores e restrição do crédito. Ou seja, o Brasil que caminhava para o crescimento de proporções chinesas nos próximos anos, terá de se contentar com um crescimento bem mais modesto.

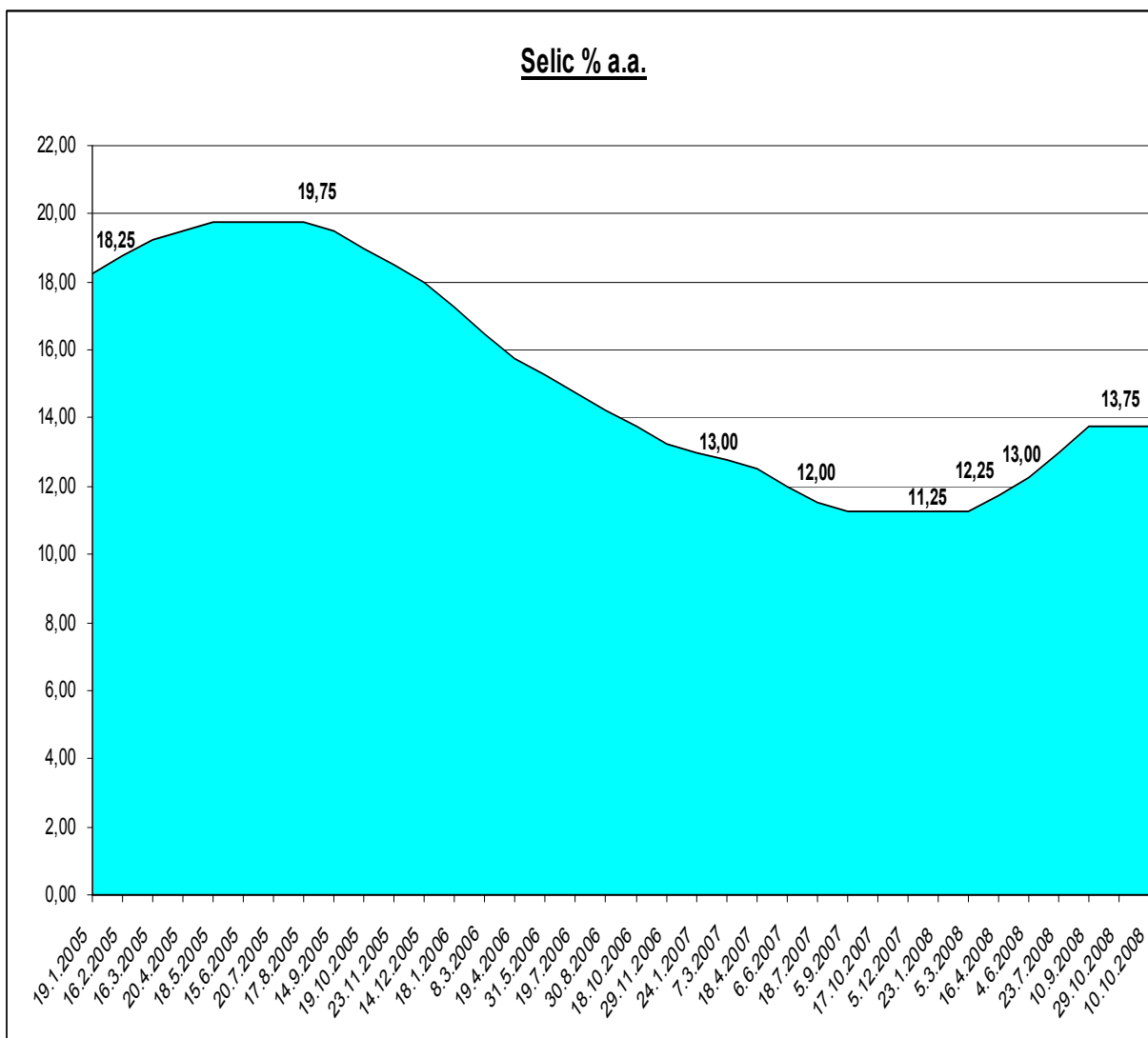
Banco Central mantém juros

Na última reunião do Copom o Banco Central decide manter os juros básicos da economia em 13,75% ao ano. A diretoria do Bacen sinalizou que na próxima reunião em janeiro de 2009 pode reduzir juros.

Esta medida vai a desencontro com os Bancos Centrais do mundo inteiro que vem reduzindo a taxa de juros dos seus países. Essa medida afeta também o setor de crédito, visto que o financiamento fica mais caro. Esta ação vai em desencontro a política econômica do governo que visa maior liquidez junto ao mercado, porém o juro elevado prejudica a captação dos recursos perante às



instituições financeiras. Porém a taxa de juros elevada tem espaço para redução na próxima reunião do Copom.



Emprego

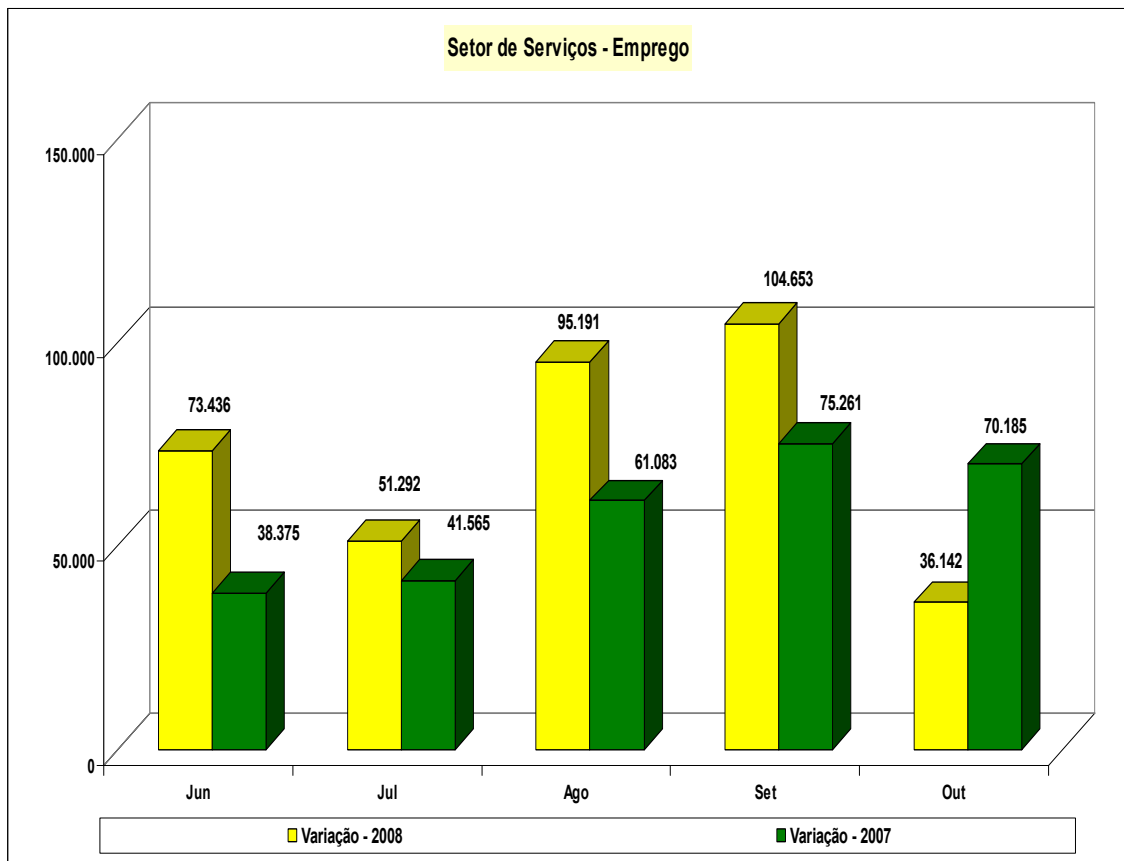
Segundo os dados do CAGED, em outubro de 2008, foram gerados 61.401 empregos celetistas, equivalente à expansão de 0,20% no estoque de assalariados com carteira assinada de setembro de 2008. Este mês, teve uma desaceleração expressiva resultado esse que pode significar uma reavaliação do empresariado sobre os efeitos da recente crise financeira internacional.



Nos dez primeiros meses de 2008, verificou-se a criação de 2.147.971 Postos de trabalho (+7,42%), saldo que se revelou o maior da série histórica para o período, superando em 18,5% o recorde anterior ocorrido em 2007 (+1.812.252 postos de trabalho ou +6,63%). Nos últimos 12 meses, foram gerados 1.953.111 empregos formais (+6,70%), resultado 27,88% acima do maior saldo anterior para semelhante período (novembro a outubro), ocorrido em 2007 (+1.527.338 postos de trabalho ou +5,53%).

O setor de Serviços gerou em outubro 36.142 postos de trabalho (+0,30%), impulsionado principalmente pelos segmentos de Serviços de Transportes e Comunicações (+9.016 postos de trabalho ou +0,55%), de Serviços de Administração de Imóveis e Serviços Técnicos Profissionais (+8.307 postos ou +0,26%) e de Serviços de Alojamento, Alimentação e Reparação (+8.153 postos ou +0,19%).

No acumulado do ano, a liderança da geração de empregos coube ao setor de Serviços, ao responder pela criação de 726.091 postos de trabalho (+6,35%), resultado recorde para o período, seguido pela Indústria de Transformação, responsável pelo acréscimo de 532.704 empregos (+7,61%). Destacaram-se também o Comércio, com a geração recorde de 319.424 empregos ou +4,94%, e a Construção Civil, com recorde absoluto e relativo, ao responder pela criação de 303.031 empregos e por uma expressiva taxa de crescimento de 19,80%. Cabe ressaltar também os saldos recordes obtidos pela Administração Pública, com a criação de 40.611 postos de trabalho (+7,56%), e pela Extrativa Mineral, com mais 12.974 postos (+7,97%).



No Brasil o desaquecimento da atividade provocado pela crise global já dá sinais de que pode afetar esse quadro. Empresas vem anunciando redução de investimentos e cortes de emprego.

Balanco de Pagamentos

O balanço de pagamentos registrou déficit de US\$8,6 bilhões em outubro. As transações correntes apresentaram déficit de US\$1,5 bilhão, acumulando, nos últimos doze meses, saldo negativo de US\$26,6 bilhões, equivalentes a 1,71% do PIB. No mês, o superávit comercial atingiu US\$1,2 bilhão. A conta financeira apresentou saídas líquidas de US\$8,5 bilhões, destacando-se os ingressos líquidos em investimentos estrangeiros diretos, US\$3,9 bilhões, e as remessas líquidas de investimentos estrangeiros em carteira, US\$7,9 bilhões.

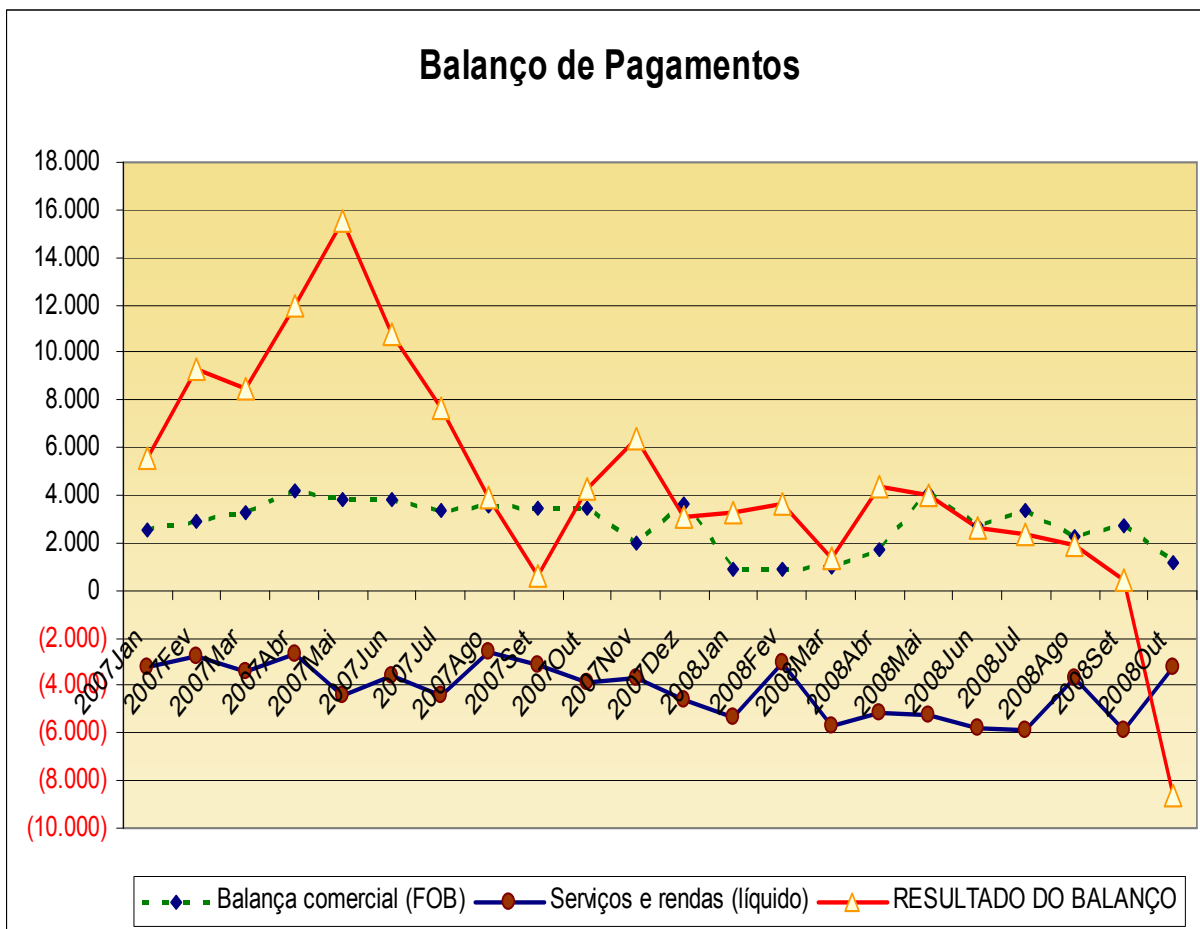
A conta de serviços foi deficitária em US\$980 milhões, resultado 26,7% inferior



ao apresentado no mesmo mês de 2007. O item viagens internacionais registrou despesas líquidas de US\$295 milhões, redução de 38,4% na mesma base de comparação, resultante do crescimento de 9,8% nos gastos de não-residentes em viagens ao Brasil e diminuição de 15,5% nos gastos de brasileiros em viagens ao exterior. No período analisado, as despesas líquidas com transportes apresentaram retração de 3,1%, somando US\$364 milhões.

Dentre os demais itens da conta de serviços, destacaram-se elevações nas remessas líquidas de aluguel de equipamentos, 56,3%, e de seguros, 137,6%; reduções nas remessas líquidas em *royalties* e licenças, 24,8%, e computação e informação, 7,8%; e a elevação nas receitas líquidas de serviços financeiros, 71,6%. Os outros serviços registraram ingressos líquidos de US\$886 milhões, 37,3% acima do resultado de outubro do ano anterior.

As remessas líquidas de renda para o exterior alcançaram US\$2,2 bilhões no mês, decréscimo de 10,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior, resultante da elevação de 15,9% nas receitas e da redução de 2,8% nas despesas. As saídas líquidas de renda de investimento direto atingiram US\$1,8 bilhão, redução de 17,6% em relação a outubro de 2007, e de 47,3% em relação a setembro de 2008. As saídas líquidas de renda de investimento em carteira somaram US\$79 milhões, ante US\$433 milhões ocorridos no mesmo mês do ano anterior. A despesa líquida com juros somou US\$515 milhões, ante US\$345 milhões verificadas em outubro de 2007.



Equipe Técnica:

- Luigi Nese – Presidente da CNS
- Prof. Dr. Marcos Cintra – Coordenador
- Carlos Eduardo S. Oliveira Jr. – Assessor Econômico